

A INFLUÊNCIA DO PENSAMENTO PITAGÓRICO PARA A COMPREENSÃO DA METAFÍSICA

Jasmine Marlena de Sousa Nascimento¹
Ivan Jorge Sousa Pessoa²

RESUMO: Este artigo tem por desiderato demonstrar a influência do pensamento pitagórico para a compreensão da metafísica, levando em consideração a seguinte questão: pode haver compreensão metafísica - no sentido mario ferreirano – sem o simbolismo pitagórico? A partir de então, realizamos uma análise da relevância do pitagorismo para a metafísica. Este estudo vem de uma leitura propedêutica acerca do tema, fundamentando-se no pensamento de Mário Ferreira dos Santos (1907-1968), mais especificamente na obra “A sabedoria das Leis Eternas” (2001). Nessa obra, o autor imprime o habitual sentido matematizante à filosofia (Mário era pitagórico), estudando as dez leis ontológicas que, descendo do plano dos princípios ao da manifestação, imperam efetivamente em todas as ordens de realidade. Portanto, esperamos discorrer sobre o assunto, de forma a alcançar o objetivo supracitado, ressaltando aos leitores que a leitura do autor em questão será difícil para quem não tenha familiaridade com o filósofo.

PALAVRAS-CHAVE: Metafísica. Pitagorismo. Mário Ferreira dos Santos.

ABSTRACT: This article aims to demonstrate the influence of Pythagorean thought for the understanding of metaphysics, taking into consideration the following question: can there be metaphysical understanding - in the Marioferreiran sense - without Pythagorean symbolism? From then on, we performed an analysis of the relevance of Pythagoreanism to metaphysics. This study comes from a propedeutic reading about the theme, based on the thought of Mário Ferreira dos Santos (1907-1968), more specifically in the book "The wisdom of the Eternal Laws" (2001). In this work, the author prints the usual mathematical sense of philosophy (Mario was Pythagorean), studying the ten ontological laws which, from the plane of principles to that of manifestation, effectively prevail in all orders of reality. Therefore, we hope to discuss the subject in order to achieve the

¹ Graduada em Licenciatura Interdisciplinar em Ciências Humanas com habilitação em Filosofia, pela Universidade Federal do Maranhão UFMA, (Centro Universitário de Pinheiro MA) 2016. Foi bolsista do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID CAPES) 2014/2016. Tem experiência na área de docência na rede municipal e estadual de Grajaú MA e na área de Filosofia, com ênfase na pesquisa sobre Hannah Arendt. Estudou até o 3º módulo do curso Inglês Sem Fronteiras (ISF), pela Universidade Federal do Maranhão (UFMA), na versão online. Possui três publicações independentes na Revista Eletrônica Húmus, periódico do Mestrado Acadêmico (stricto sensu) de Psicologia da Universidade Federal do Maranhão (UFMA), além de publicações em anais de eventos. Foi membro do Grupo de Estudos em Filosofia e Literatura (GEFL), vinculado ao Curso de LCH em Filosofia da UFMA – Centro Universitário de Pinheiro-MA. E-mail: jasminemarlenna@gmail.com

² Mestre em Ética e Epistemologia pela Universidade Federal do Piauí (UFPI), com mestrado sanduíche na Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ). Especialista em Filosofia Política pela Universidade Federal do Maranhão, onde é Professor substituto da disciplina de Metodologia Científica, bem como Hermenêutica, pelo Departamento de Filosofia. Ademais, é Professor Assistente da Faculdade Estácio / São Luís de Filosofia do Direito. Integra o corpo redacional do Suplemento Literário/ Guesa Errante (Jornal Pequeno) de São Luís - MA. Tem experiência na área de Filosofia, atuando principalmente nos seguintes temas: metodologia científica, hermenêutica, filosofia do direito e epistemologia. E-mail: pessoabarrett@hotmail.com

aforementioned objective, pointing out to readers that reading the author in question will be difficult for those unfamiliar with the philosopher.

KEYWORDS: Metaphysics. Pythagoreanism. Mário Ferreira dos Santos.

INTRODUÇÃO

Mário Ferreira dos Santos³ (1907-1968), com mais de noventa títulos publicados e vários inéditos, deixou uma preciosidade no campo do pensamento metafísico que se eleva no que há de mais importante nessa área em língua portuguesa e no Brasil. Na sua obra intitulada “*A sabedoria das leis eternas*” (2001), temos a oportunidade de acompanhar todo um processo de investigação lógica sobre os fundamentos da tradição pitagórico-platônica que o levará à compreensão das leis que, descendo do plano dos princípios ao da manifestação, imperam efetivamente em todas as ordens de realidade. Na referida obra, o pensamento do autor demonstra que, segundo os pitagóricos, tudo, no nosso contexto, é regido por dez leis, cada uma representada por um número respectivo, as quais eles denominavam “Mãe de Todas as Coisas”. O estudo das mesmas permite um melhor entendimento sobre a natureza das coisas, dos seres, dos eventos que compõem o mundo em que vivemos. A partir daí, é possível ainda se chegar a inúmeros enunciados, tomando-se por base a combinação dos significados.

Mário Ferreira explicita que, na tradição pitagórico-platônica, os números não eram encarados como meras quantidades, no sentido em que são usados nas medições, mas sim como *formas*, isto é, articulações lógicas de relações possíveis. O que Pitágoras queria dizer com sua famosa afirmação de que “tudo são números” não é que todas as qualidades diferenciadoras podiam se reduzir a quantidades, mas que as quantidades mesmas eram por assim dizer qualitativas: cada uma delas expressava um certo tipo de articulação de

³ Escritor e pensador extraordinariamente fecundo, publicou, em menos de quinze anos, a coleção Enciclopédia de Ciências Filosóficas e Sociais, que abrange quarenta e cinco volumes, parte de caráter teórico e parte históricos-críticos. Mário Ferreira dos Santos sempre se considerou devedor dos jesuítas, dos quais recebeu as primeiras noções de filosofia e a formação religiosa a que permaneceria fiel, apesar de crises temporárias, até o último dia. Deveu a eles algo mais: sentindo despertar em si o que supôs ser uma vocação clerical, foi orientado pelos mestres a que buscasse noutra direção o rumo da sua vida. A partir de 1952, entregou-se com paixão avassaladora à construção de sua obra filosófica magna: a Enciclopédia das Ciências Filosóficas, cinco dezenas de volumes cuja maior parte chegou a ser publicada em vida do autor, restando porém inéditos alguns textos fundamentais, dos quais o presente volume inicia a publicação ordenada.

⁴ SANTOS, Mário Ferreira dos. **A sabedoria das leis eternas**. Introdução, edição e notas de Olavo de Carvalho. São Paulo: É Realizações, 2001.

tensões cujo conjunto formava um objeto. Mas, se de fato é assim, a sequência dos números inteiros não é apenas uma contagem, mas uma série ordenada de categorias lógicas. Contar é, mesmo inconscientemente, galgar os degraus de uma compreensão progressiva da estrutura do real. Vejamos, só para exemplificar, o que acontece no trânsito do número um ao número cinco. Todo e qualquer objeto é necessariamente uma unidade. *Ens et unum convertuntur*, “o ser e a unidade são a mesma coisa”, dirá Duns Scot. Ao mesmo tempo, porém, esse objeto conterá em si alguma *dualidade* essencial. Mesmo a unidade simples, ou Deus, não escapa ao dualismo gnosiológico do conhecido e do desconhecido, já que aquilo que Ele conhece de si mesmo é desconhecido por nós.

Ao mesmo tempo, os dois aspectos da dualidade têm de estar ligados entre si, o que exige a presença de um terceiro elemento, a *relação*. Mas a relação, ao articular os dois aspectos anteriores, estabelece entre eles uma *proporção*, ou quaternidade. A quaternidade, considerada como forma diferenciada do ente cuja unidade abstrata captamos no princípio, é por sua vez uma quinta forma. Os menos avisados, nem sempre deixam de confundir os conteúdos reunidos na obra de Mario Ferreira dos Santos com o cardápio que é reservado nas livrarias aos títulos de autoajuda, esoterismo⁵ e temas afins. Mas nem por isso, a ajuda ficará ‘de fora’, pois a amplitude de percepção que a leitura proposta por Santos oferece, “abre um novo horizonte a todos os que apreciam esta temática e prepara munção suficiente para participar sem sucumbir à intensidade dos impactos da nossa civilização”⁶.

Nesta senda, este estudo se configura enquanto analítico e discursivo e é um trabalho de caráter bibliográfico e introdutório sobre o referido tema, para melhor compreensão dos conceitos e pensamentos de Mário Ferreira dos Santos acerca da influência da tradição pitagórico-platônica para a metafísica. Inicialmente, faremos breves notas a respeito do pensamento do filósofo e da referida obra, como uma forma de apresentação de ambos ao público. Em seguida, adentramos no cerne desse trabalho que é demonstrar a relevância do pitagorismo para a metafísica a partir do autor e da obra em questão. E por fim, faremos as considerações finais, analisando os conceitos e pensamento

⁵ Atitude doutrinária, pedagógica ou sectária segundo a qual certos conhecimentos (relacionados com a ciência, a filosofia e a religião) não podem ou não devem ser vulgarizados, mas comunicados a um pequeno número de iniciados.

⁶ Fragmento retirado do site Skoob, disponível em: <https://www.skoob.com.br/livro/pdf/a-sabedoria-das-leis-eternas/34673/edicao:37880> . Acesso em: 02/07/2016.

de Ferreira dos Santos tentando esboçar um estudo acerca de: sendo toda metafísica pitagórica, qual peculiaridade há nela que não há em outras metafísicas possíveis.

A fundamentação teórica está baseada principalmente na obra de Mário Ferreira dos Santos, intitulada “A sabedoria das leis eternas” (2001). Todavia, utilizamos também alguns estudos complementares para auxiliar na fundamentação, como o artigo publicado no jornal “O Globo” de Sidney Silveira⁷, jornalista no RJ e colaborador da “Sociedade Amigos do Professor Mário Ferreira dos Santos” (2015). Com isto, este estudo tem enquanto relevância para a comunidade acadêmica, o intuito de esclarecer e discorrer sobre o pensamento do filósofo Mário Ferreiras dos Santos e suas contribuições advindas da tradição pitagórico-platônica para a metafísica.

A INFLUÊNCIA DO PENSAMENTO PITAGÓRICO PARA A METAFÍSICA N“*A SABEDORIA DAS LEIS ETERNAS*” DE MÁRIO FERREIRA DOS SANTOS

Na obra de Mário Ferreira dos Santos aqui estudada, “*A sabedoria das leis eternas*” (2001), um texto inédito e com introdução e notas de Olavo de Carvalho, o autor “imprime o habitual sentido matematizante à filosofia, onde ele estuda as dez leis ontológicas que, descendo do plano dos princípios ao da manifestação, imperam efetivamente em todas as ordens de realidade” (SILVEIRA, 201, s/p). É importante ressaltar que, a essas leis chega-se por vias especulativas, e Mário – “precavido contra os dogmas do ceticismo e do agnosticismo⁸ – expusera e refutara teses contrárias em trabalhos anteriores, por diferentes sistemas lógicos e uma dialética inventada por ele: a *decadialética*” (SILVEIRA, 2015, s/p). Ressaltando que aqui, não analisaremos as leis uma a uma detalhadamente por que não é nosso objetivo, iremos apenas pegar o que for importante para detectar a influência do pensamento pitagórico para a metafísica.

⁷ SILVEIRA, Sidney. **A Metafísica de Mário Ferreira dos Santos**: um Autodidata Brasileiro. Publicado em 13 de abril de 2015 por Filosofia Concreta Estudos. Disponível em: <https://marioferreiradossantosfilosofiaconcreta.wordpress.com/2015/04/13/a-metaphisica-de-mario-ferreira-dos-santos-um-autodidata-brasileiro/>. Acesso em: 02/07/2017.

⁸Agnosticismo é uma doutrina filosófica que declara o absoluto inacessível ao espírito humano ou que considera vã qualquer metafísica e qualquer ideologia religiosa, uma vez que alguns desses preceitos ou ideologias não podem ser comprovados empiricamente. Agnosticismo é um termo com origem no grego, sendo a junção do prefixo indicativo da negação "a" e o termo *gnostikós*, que é relativo ao conhecimento. De acordo com essa doutrina, as coisas, a realidade e, antes de mais, o absoluto são incognoscíveis.

No primeiro capítulo da obra, Ferreira dos Santos nos apresenta um termo pitagórico no mínimo inusitado: ‘*Mathesis megiste*’⁹, que significa “Ensino superior”, “Ensino máximo”, “Sabedoria suprema”. Ademais, ‘*Mathesis megiste*’ significa a parte superior e última do sistema integral da filosofia, ciência que nos termos de René Guénon, representa a Metafísica. Para Guénon, a metafísica enquanto *Mathesis megiste* não é apenas uma ciência teórica, mas igualmente uma ‘realização espiritual’ da qual a teoria constitui uma preparação.

Para Mário Ferreira dos Santos, o estudo da metafísica trata da busca pela *lei das proporcionalidades intrínsecas* (‘*logoi*’); das leis que, descendo do plano dos princípios ao da manifestação, imperam efetivamente em todas as ordens da realidade. As possibilidades puras (‘*arithmoi arkhai*’) descem às leis da proporcionalidade intrínseca (‘*logoi*’) que efetivamente regem o Ser, leis que são alcançáveis por meio da especulação. Como nos diz o filósofo espanhol Xavier Zubiri¹⁰, em ‘*Natureza, História, Deus*’¹¹ (1944): “Saber uma coisa por seus princípios [o princípio se expressa por verdades primárias ou primeiras ao conhecimento] é sabê-lo especulativamente, ou seja, vendo-a refletida em sua ideia o todo que de verdade é.” O princípio de algo e suas leis são apreensíveis a partir da especulação, ou seja, na estrutura noética ou intuitiva da consciência. Adentrando mais no texto de Ferreira dos Santos, podemos perceber através do fragmento a seguir, como o autor atribui o regimento das coisas e dos seres às leis ontológicas advindas de uma herança do pensamento pitagórico. Ferreira dos Santos (2001), afirma:

Todas as coisas materiais são regidas por estas quatro leis: do um, do dois, do três e do quatro; então, estas quatro leis vão constituir as leis fundamentais de toda a ordem cósmica material. Esta é uma das definições, ou melhor dizendo, um dos conteúdos simbólicos que se procura dar à tétrada de que falavam os pitagóricos [...]. A lei da reciprocidade rege a

⁹ Com esta expressão pitagórica, o autor designa a parte superior e última do sistema integral da filosofia. O lugar que ele atribui a esta ciência corresponde àquele que, na formulação de René Guénon, cabe à metafísica. Ferreira dos Santos, dando a esta ciência o nome de *Mathesis*, conserva o de metafísica para a Ontologia Geral, seguindo, nisto, a nomenclatura que se consagrou na tradição aristotélica (embora não seja do próprio Aristóteles) [...]. (Nota de rodapé 1 de Olavo de Carvalho na obra “A sabedoria das leis eternas”).

¹⁰ Xavier Zubiri é um dos pensadores mais originais de nosso tempo. Seu pensamento, situado na trilha aberta por Husserl e Heidegger, desemboca, porém na apreensão primordial de realidade, o que permite a Zubiri formular uma nova concepção de inteligência e de realidade. Partindo da análise da inteligência senciente, ele pôde tratar praticamente todos os grandes temas da filosofia clássica. Uma grande e inovadora síntese filosófica, à espera ainda de uma compreensão mais exaustiva.

¹¹ “Natureza, História, Deus” (1944) é um clássico da literatura filosófica espanhola do século XX. É, além disso, um livro fundamental na produção escrita de seu autor, Xavier Zubiri. A feliz confluência nele de três grandes criações intelectuais – a filosofia grega, a ciência moderna e a tradição fenomenológica – tem como resultado um pensamento rico e ágil, tão enraizado na tradição quanto rigorosamente inovador.

evolução primária e fundamental dos entes finitos, rege a dinamicidade dos seres finitos. É a chamada “lei da evolução fundamental”, para os pitagóricos. (SANTOS, 2001, p. 66).

O autor toma como base a influência do pitagorismo para o pensamento metafísico quando pressupõe que são essas leis ontológicas – deixadas pelo legado pitagórico-platônico, como vimos no fragmento anterior – que devem reger os entes finitos e a dinamicidade dos seres finitos, e implica a demonstração dessas leis, como um meio de exercício dessa regência, pois além de apresentar essas leis, é necessário demonstrá-las. É importante ressaltar ainda que Mário aponta uma distinção importante entre a Metafísica de Aristóteles e a de Platão; mas é preciso reconhecer que essa distinção é mais nítida na fase Pitagórica de Platão, em que ele desenvolve um aspecto do pitagorismo; e aí, nessa concepção pitagórica-platônica, há uma inversão da ordem da Metafísica que Aristóteles criou. A Metafísica Platônica parte das Ideias e vai delas extraíndo juízos virtuais, que estão contidos nos diversos *logoi*. Vamos dar um exemplo com o logos de “antecedente”. Esse conceito, ou logos, implica necessariamente o logos de “consequente”, assim como exige também uma prioridade do antecedente sobre o consequente. Não se poderá falar de um antecedente sem um consequente, e vice-versa. Mas temos que distinguir, entretanto, que o que é antecedente, é anterior formalmente, a sua anterioridade é formal, enquanto que o consequente é posterior formal e materialmente. Vejamos então:

Como em filosofia só aceitamos, naturalmente, uma única autoridade, que é a demonstração, cabe-nos não só apresentar as leis, mas demonstrá-las; e não somente demonstrar que são válidas, mas também que são as leis fundamentais de todo ser. (SANTOS, 2001, p. 48).

Como carece de demonstração, o esforço metafísico deve se voltar para as leis que regem todas as coisas. E essa demonstração como prática do exercício dessas leis e o seu pitagorismo ficam evidentes do decorrer de sua obra. Sua concepção ontológica das dez leis que, como enfatizado anteriormente, descem do plano dos princípios ao da manifestação, imperando efetivamente em todas as ordens de realidade. Assim, também percebemos nessa ontologia legislativa dos entes e dos seres finitos uma simultaneidade, o que é indispensável no pensamento metafísico, nas Leis Tríadicas (IV parte II): “As leis são simultâneas. Embora no contexto beta predomine aparentemente a sucessão, na verdade predominam as leis, pela sua simultaneidade. As leis regem simultaneamente, desde todo o tempo, o Ser” (SANTOS, 2001, p. 85). Pois, como afirmamos antes, as leis descem do

plano dos princípios ao da manifestação, imperando verdadeiramente em todas as ordens de realidade, regendo todos os entes e seres.

Percebida e evidenciada a influência do pitagorismo na metafísica, conseqüentemente há uma diferenciação¹² entre essa metafísica pitagórica-platônica e a metafísica aristotélica¹³. Esta última, fundava-se e operava com realidades inerentes à experiência humana, e esse era o sentido que ele dava a tal estudo, um estudo de entes reais e não de quaisquer entidades ficcionadas, um estudo de entes presentes na vida e na realidade do homem. Assim, o ente de razão “causa”, ou o ente de razão «substância» são entes de razão com fundamento real. Esse fundamento real é matéria complexa e que tem gerado muita controvérsia. Mas podemos dizer que mesmo aqueles que procuram detratar a abstração Aristotélica, eles também procedem de modo aristotélico, porque praticam essas abstrações, trabalham com elas, e não conseguem pensar ou elaborar nenhuma crítica sem as usar, pois elas estão bem fundadas no real, assentam no desenvolvimento próprio da atividade intelectual humana.

¹² “Para Aristóteles, a metafísica fundava-se e operava com realidades inerentes à experiência humana, e esse era o sentido que ele dava a tal estudo, um estudo de entes reais e não de quaisquer entidades ficcionadas, um estudo de entes presentes na vida e na realidade do homem. Assim, o ente de razão causa, ou o ente de razão substância são entes de razão com fundamento real. [...] A Metafísica Platônica parte das Ideias e vai delas extraíndo juízos virtuais, que estão contidos nos diversos *logoi*. Vamos dar um exemplo com o logos de antecedente. Esse conceito, ou logos, implica necessariamente o logos de conseqüente, assim como exige também uma prioridade do antecedente sobre o conseqüente. Não se poderá falar de um antecedente sem um conseqüente, e vice-versa. Mas temos que distinguir, entretanto, que o que é antecedente, é anterior formalmente, a sua anterioridade é formal, enquanto que o conseqüente é posterior formal e materialmente. Esses conceitos são *logoi*, no sentido pitagórico-platônico, e são extraídos das ideias de antecedência e conseqüência. [...] No pensamento dos pitagórico-platônicos, portanto, se a formação dos *logoi* se processar logicamente, ou seja, com rigor lógico, a realidade irá reproduzir perfeitamente esses *logoi* que fomos capazes de captar, desde que os pensemos com essa segurança. [...] Há, portanto, uma diferença bastante clara entre a dialética pitagórica-platônica, e a dialética aristotélica. Enquanto que Aristóteles sobe dos degraus inferiores aos superiores, Platão e Pitágoras descem dos degraus superiores aos inferiores. É como uma escada, em que alguém sobe e alguém desce; isto quer dizer que ambas as concepções estão perfeitamente coadunadas, apenas variando na direção; mas os degraus que ali estão para um, são os mesmo degraus que ali estão para o outro [...]”. Disponível em: <http://www.ofilosofo.com/mfsantos-t6.htm> . Acesso em: 02/07/2016.

¹³ “Aristóteles cria a sua metafísica com base em três princípios fundamentais para sustentar a realidade e em quatro pilares fundamentais para a existência das coisas. Esse discurso influenciou principalmente a filosofia medieval. Aristóteles mostra os princípios para sustentar a realidade com três argumentos: 1) O princípio de identidade, da não contradição e do terceiro excluído. Princípio de identidade – Fala que uma proposição é sempre igual a ela mesma, nunca diferente. Exemplo disso é $A=A$ e $B=B$. 2) Princípio da não contradição – Diz que uma afirmação não pode ser falsa e verdadeira ao mesmo tempo. Uma bola não pode ser uma bola ao mesmo tempo em que não é uma bola. 3) Princípio do terceiro excluído – Uma afirmação ou é verdadeira, ou é falsa. Nunca vai existir uma terceira opção. Assim que deixou claro esses princípios, Aristóteles na sua metafísica cria embasamento para o que foi chamado de etiologia, que seria o estudo das causas. Assim conseguiu resumir sua teoria em quatro causas: 1) Causa material – A matéria do ser, aquilo do que o ser é feito. 2) Causa formal – A forma, a constituição do ser enquanto essência. 3) Causa motora ou eficiente – O que originou o ser, deu movimento. 4) Causa final – O porquê da existência do ser”. Disponível em: <http://www.estudopratico.com.br/metafisica-de-aristoteles/> . Acesso em: 03/07/2016.

Portanto, a metafísica de Aristóteles é bem fundada, inclusive para os que a combatem. Mas, qual a razão para a combaterem? Bem, a razão é esta – eles não a compreendem. Eles julgam que a metafísica de Aristóteles é diferente do que esta descrita. Julgam que a metafísica aristotélica é construída sobre entes ficcionais, entes de imaginação, que resultam da fantasia humana, mitos, etc. Mas não, não é isso! Aristóteles nunca defendeu isso. É sabido que grandes filósofos houve, grandes mesmo, que nunca estudaram Aristóteles! Por exemplo, Kant nunca o leu. Descartes também não conhecia Aristóteles. Creio que estes exemplos são suficientes para se perceber que não é de estranhar que haja autores modernos que são igualmente desconhecedores da obra do Filósofo. Assim, esses críticos criam uma concepção da doutrina aristotélica completamente fora das verdadeiras realidades do pensamento Aristotélico, e esta concepção errônea leva a que as suas críticas sejam infundadas e falsas.

AS DEZ LEIS ETERNAS

- ❖ 1 – Lei da Unidade: a unidade, referente a cada e a todo ente criado. Há um leitor como ele mesmo, uma tela do computador como ela mesma, e nenhuma outra pode ser igual, ou seria a própria
- ❖ 2 – Lei da Oposição: se refere às oposições que compõem uma unidade. Qualquer unidade finita é fruto da oposição entre ato determinante e potência determinável. A partir daí desenvolvem-se as demais, em diferentes categorias, relativas a cada ente.
- ❖ 3 – Lei da Relação: a relação entre os opostos, necessária para o surgimento de uma unidade - pois, como exemplo principal, algo só pode ser determinável se houver a ação do determinante - para sua manutenção, e mesmo, como se verá mais adiante, sua corrupção.
- ❖ 4 – Lei da Reciprocidade: para que se estabeleça uma relação, é necessário haver reciprocidade entre os opostos. Esta está condicionada à natureza de cada um dos opostos, onde se observa a eficácia do que está atuando, somada à eficácia daquele que é determinado, tendo-se em conta ainda a natureza da resistência por este empregada. Esta lei é a simbolizada pelo Yin-Yang (o primeiro predominantemente passivo-ativo, o segundo predominantemente ativo-passivo).

- ❖ 5 – Lei da Forma: expressa a disposição das proporções intrínsecas, como resultado da maneira como os opostos interatuam numa determinada unidade.
- ❖ 6 – Lei da Harmonia: representa harmonia intrínseca e com o meio (neste caso, formando séries, sistemas, ou seja, outras categorias de unidade), necessária para a preservação do ente. As relações harmônicas se dão dentro de uma normal relativa àquela totalidade, segundo seu interesse.
- ❖ 7 – Lei da Evolução: resulta da oposição aplicada à lei anterior, ou seja, onde há harmonia, pode haver desarmonia (externa ou intrínseca). As relações de oposição destes aspectos podem provocar mutações substanciais, que podem vir a acarretar o rompimento da harmonia anterior. Neste caso ocorrem mutações, pois o ser integra-se a uma nova harmonia.
- ❖ 8 – Lei da Superação: é a assunção, ou seja, quando um ente perde sua natureza anterior por razões desarmônicas intrínsecas e/ou extrínsecas e assume nova conformação, passando a compor uma nova unidade. Vale destacar que isto só pode ocorrer (assim como na lei anterior) dentro dos limites da potência determinável correspondente.
- ❖ 9 – Lei da Integração: representa ideias como as da salvação e da ressurreição, ou seja, é observada quando um ser salta para uma nova forma evolutiva, um estágio superior, depois de retirado do ciclo da evolução. Integra-se então no Todo (universalidade cósmica), que não se desnatura apesar da dinamicidade de seu conteúdo.
- ❖ 10 – Lei da Unidade Transcendente: as coisas integradas no Todo seguem então a direção do Bem que lhes transcende, à Unidade que é origem e fim de todas as coisas, o Ser Supremo.

A combinação pode se dar com dois algarismos (Leis Diádicas), três (Leis Triádicas), etc. e pode-se chegar a enunciados como estes: 14 – “Em toda unidade... encontramos uma reciprocidade”; 178 – “O cumprimento do ciclo evolutivo de uma forma é simultâneo ao advento de uma nova transformação e ao surgimento de uma nova forma”. As leis aqui apresentadas constituem o que os pitagóricos conheciam por “Tétrada Sagrada”, também chamada de “Década Sagrada”, tendo em vista o resultado da soma dos quatro primeiros números: $1 + 2 + 3 + 4 = 10$.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O conjunto das dez leis dispostas na obra de Mário Ferreira dos Santos é concebida como a *‘Mãe de todas as coisas’*, fonte que constitui e faz surgir as coisas semelhantes e dessemelhantes. Vemos a seguir mais uma evidência clara da influência do pensamento pitagórico: o número 10 – para os pitagóricos (*Tetrakys*) é formada por dez pontos dispostos em uma pirâmide plana de quatro andares, de onde tudo sai e para onde tudo retorna como a melhor imagem da totalidade em movimento. Comparando-a ao oráculo de Delfos, Pitágoras a considerou como a perfeição que proporciona conhecimentos do indivíduo e do mundo, tanto no plano material como no espiritual. A *Tetrakys* era invocada como divindade: o deus da harmonia, chave de todas as coisas.

Em relação à numeração das leis, para Mário, a mera contagem exprime, sinteticamente, o conjunto das determinações internas e externas que compõem qualquer objeto material ou espiritual, atual ou possível, real ou irreal. Os números são portanto “leis” que expressam a estrutura da realidade. O próprio Mário confessa não saber se essa sua versão muito pessoal do pitagorismo coincide materialmente com a filosofia do Pitágoras histórico. Seja uma descoberta ou uma redescoberta, a filosofia de Mário Ferreira descerra diante dos nossos olhos, de maneira diferenciada e meticulosamente acabada, um edifício doutrinal inteiro que, em Pitágoras – e mesmo em Platão – estava apenas embutido de maneira compacta e obscura. Ao mesmo tempo, em “*A Sabedoria dos Princípios*” e demais volumes finais da “*Enciclopédia*”, ele dá ao seu próprio projeto filosófico um alcance incomparavelmente maior do que se poderia prever até mesmo pela magistral “*Filosofia Concreta*”. A esta altura, aquilo que começara como conjunto de regras metodológicas se transmuta num sistema completo de metafísica, a *mathesis megiste* ou “ensinamento supremo”, ultrapassando de muito a ambição originária da “*Enciclopédia*” e elevando a obra de Mário Ferreira dos Santos ao estatuto de uma das mais altas realizações do gênio filosófico de todos os tempos.

Por conta desses e de outros aspectos, a filosofia de Ferreira dos Santos se parece com a Escolástica, “mas em questões escolásticas ante as quais filósofos modernos tomaram atalhos de consequências esterilizantes, que acabaram por resultar na negação do estatuto da verdade” (SILVEIRA, 2015, s/p). Algumas teses da “*Filosofia concreta*¹⁴” de

¹⁴ Este livro, além do texto integral da Filosofia Concreta, originalmente dividido em 3 volumes, contém outras palestras que estão no CD que acompanha a obra. São elas - Filosofia Concreta, Mitos Fundamentais

Ferreira dos Santos são idênticas às do “*Tractatus de Primo Princípio*¹⁵”, de Duns Scotus, como nesta questão: ‘O que não é causado por causas extrínsecas não é causado por causas intrínsecas’. “Há tanto demérito nesta igualdade de enunciados quanto haveria em constatar que, nos triângulos retângulos, o quadrado da hipotenusa é igual à soma dos quadrados dos catetos” (SILVEIRA, 201, s/p). Ora, a “verdade desse teorema não é verdadeira porque Pitágoras a descobriu, mas Pitágoras a descobriu porque ela é verdadeira” (SILVEIRA, 201, s/p). Ademais, ninguém pode ser “dono” de nenhuma verdade; ao contrário, por seu poder transformador, a verdade é a dona de quem a consegue contemplar.

Quanto ao autor, o amor de Mário Ferreira dos Santos à sabedoria deixa-nos uma lição. Ou o homem procura enxergar, com humildade, os dados da realidade que a ele se apresentam, cotidianamente, ou os transtornos da personalidade decorrentes desse erro o transformam num caso psiquiátrico, cujo diagnóstico pode estar na raiz do seu ceticismo: a crença na inexistência de Deus, primeiro motor da negação da verdade como baliza dos conceitos humanos e, também, da violência de um sujeito contra si e contra o seu próximo. E quanto à principal questão, e, portanto, ao objetivo desse trabalho, sobre a influência do pitagorismo na metafísica, conclui-se que, com base na diferenciação apresentada acima entre a metafísica pitagórica-platônica e a metafísica aristotélica, acreditamos ser possível pensar em uma compreensão metafísica sem o simbolismo pitagórico, no caso, a metafísica de Aristóteles. Pois, nesta distinção entre ambos, o segundo parte da *empíria* e vai racionalizando, e por isso é classificado de empirista-racionalista, enquanto que Platão, seguindo a linha de Pitágoras, parte das ideias, dos *logoi* e vai deduzindo para a realidade, e verifica-se que a realidade participa desses *logoi*, repete essas formas; o desenvolvimento da realidade, de facto, imita arquétipos, os *arkai* pitagóricos, participando desses *logoi* fundamentais.

do Pensamento Grego, Anarquismo e a Filosofia Concreta, Neopositivismo e a Filosofia Concreta, Infinito e Sobre o Ser e o Nada. *A Filosofia Concreta* é construída geometricamente como uma sequência de afirmações auto evidentes e de conclusões exaustivamente fundadas nelas – uma ambiciosa e bem sucedida tentativa de descrever a estrutura geral da realidade tal como tem de ser concebida necessariamente para que as afirmações da ciência façam sentido.

¹⁵ O “*Tractatus De Primo Princípio*” foi dos últimos trabalhos produzidos por Duns Scotus. Trata-se de um fascículo composto por quatro capítulos. Ao que consta, é a primeira obra dos séculos XIII e XIV, dedicada exclusivamente ao estudo filosófico – deixando de lado, pois, a Teologia – da existência e das perfeições de Deus. No segundo capítulo, por exemplo, diversas conclusões concatenadas são colocadas como pressupostos para que se possa afirmar, nos capítulos seguintes, a existência de um uma natureza primeira e os atributos de que ela é dotada. Trata-se de um texto único, pois nenhum outro medieval elencou desse modo os pressupostos de sua argumentação sobre Deus.

REFERÊNCIAS

SILVEIRA, Sidney. *A Metafísica de Mário Ferreira dos Santos: um Autodidata Brasileiro*. Publicado em 13 de abril de 2015 por Filosofia Concreta Estudos. Disponível em: <https://marioferreiradossantosfilosofiaconcreta.wordpress.com/2015/04/13/a-metafisica-de-mario-ferreira-dos-santos-um-autodidata-brasileiro/> . Acesso em: 02/07/2017.

SANTOS, Mário Ferreira dos. *A sabedoria das leis eternas*. Introdução, edição e notas de Olavo de Carvalho. São Paulo: É Realizações, 2001.